



QUANDO O SÁBADO AMANHECEU NEBULOSO e incomumente frio, Sherlock Holmes já estava acordado. Por um momento, lançou um olhar constrangido para a vela que mantivera acesa durante a noite, hábito que havia perdido ainda na tenra idade, muito antes de se mudar para a escola Harrow, de onde partira na última sexta-feira para passar o final de semana com o irmão, Mycroft. Mas depois de lutar contra os próprios demônios por horas a fio, se rendera ao conforto da luz bruxuleante.

Por algum tempo, tentara não se recriminar. Afinal, exatamente um ano antes, passara pela mais estranha experiência de sua vida, justamente no Dia de Todos os Santos, o Dia das Bruxas. Chamado, ou melhor dizendo, *convocado* pela amiga Cashmere Boswell^[1], pegara uma carruagem até a Mansão Featherstone onde quase perdera a vida para descobrir o caso de um assassinato que ocorrera treze anos atrás e cuja principal testemunha era a própria vítima.

Sherlock balançou a cabeça para espantar aqueles pensamentos perturbadores e empurrou o cobertor para o lado. Por um momento, se sentiu melancólico. Na verdade, quase ficara decepcionado por não ter recebido notícias da amiga naquele final de semana. As aulas na escola haviam se tornado excepcionalmente monótonas

desde o último ano, quando os feriados haviam se transformado em uma locomotiva de emoções. Nos últimos meses, desvendara um golpe contra uma companhia de seguros, ajudara a prender um sequestrador infantil e um ladrão, além de descobrir a identidade de um assassino. Além do caso da Mansão Featherstone, lembrou, com um arrepio.

Estava terminando de se trocar quando ouviu uma batida na porta. Com os passos rápidos, girou a maçaneta e encontrou a velha cozinheira e governanta, a Sra. Macklin. A senhora baixinha e de óculos grossos o encarou por um momento.

— Tenho algo para o senhor — disse ela.

— Um telegrama? — perguntou Sherlock, ansioso.

— Quase isso — respondeu ela, fazendo um gesto para que Sherlock a acompanhasse.

Sherlock piscou os olhos. O comportamento da Sra. Macklin sempre fora um tanto petulante e estranho, mas, de alguma forma, estava acostumando-se aos seus modos. E o olhar da velha cozinheira era de quem estava falando sério.

Eles desceram pela silenciosa escadaria principal. A Sra. Macklin ignorou o estúdio e a sala de música e seguiu até a escada. Há alguns meses, aquilo poderia surpreendê-lo, mas aprendera a não fazer nenhum tipo de suposição sobre a Sra. Macklin e, dessa forma, Sherlock a acompanhou até o ala dos empregados. Lá embaixo, o cheiro forte de um ensopado atingiu as suas narinas quando ele entrou na ampla e arejada cozinha. Uma grande panela fervilhava junto ao fogão enquanto um garoto de uns doze anos, vestido de forma simples, se aquecia perto do fogo enquanto engolia uma pilha de sanduíches.

O rapaz arrancou o boné de feltro puído quando Sherlock entrou no recinto, mas o jovem apenas assentiu rapidamente.

— Quem é ele?

— Meu nome é Wickens, senhor. Billy Wickens — disse o rapazinho.

— E por que quer falar comigo? — perguntou Sherlock.

— Não foi ideia minha — admitiu ele, apertando o boné. — Foi da minha colega de trabalho, Cashmere.

— *Cashmere*? — reagiu Sherlock, assustado. — Ela está bem?

— Sim.

— Onde ela está? Por que ela não veio com você?

— Ela está na França.

— Na França? — repetiu novamente Sherlock, espantado. — O que ...

— Menino Holmes — interrompeu a Sra. Macklin, exasperada. — Se puder deixar o pobre Billy falar, talvez tenha as suas respostas sem todo esse interrogatório.

Sherlock recuou um passo, com as faces avermelhadas.

— Ah, sim, desculpe. Por favor, Billy, pode falar.

O garoto limpou o nariz sujo em um lenço que parecia ter sido usado para esfregar chaminés.

— Bem, foi o meu irmão, senhor. Ele entrou no meu quarto na noite anterior para falar comigo.

— Esqueça essa coisa de senhor, Billy — pediu Sherlock. — Me chame apenas de Sherlock.

O garoto abriu um sorriso tímido.

— Sim, senh... Sherlock.

— Bem, o que seu irmão queria, afinal? — perguntou, voltando ao assunto.

Billy voltou a apertar o boné entre as mãos.

— Pedir desculpas e dizer que tinha um pequeno diário que deixara escondido embaixo da terceira gaveta do armário do quarto

que alugava.

Sherlock lançou um olhar para a Sra. Macklin, que fez um gesto para que ele continuasse.

— Por que ele queria pedir desculpas para você?

Billy arrastou os pés no chão.

— Nós tivemos uma discussão por causa do meu emprego.

— O que houve?

— Bem, eu fui contratado como contrarregra na Drury Lane Hall. Ele não achava o emprego respeitável.

Sherlock balançou a cabeça. Conhecera o Drury Lane Hall e seu diretor, Tom Hurricane, no feriado de meio período de verão do ano anterior^[2]. Apesar de seus modos diretos e desconcertantes, todos no teatro lhe pareceram pessoas de bem. O preconceito contra os artistas, infelizmente, ainda parecia bastante arraigado na sociedade londrina.

— O seu irmão está errado, Billy. Tom Hurricane é um sujeito bastante respeitável.

Billy deu de ombros.

— Bem, eu mesmo fiquei em dúvidas quanto a isso — admitiu.

— Eu trabalhei como contrarregra para ele, Billy — disse Sherlock, com firmeza. — Não há nada de desaprovador nisso.

O rosto de Billy adquiriu uma expressão de absoluta perplexidade.

— *Sério?* — disse ele, abrindo ainda mais os olhos. — Digo, o senhor... mas...

— É uma história para outra hora — interrompeu Sherlock, voltando a se concentrar no caso em questão. — Bem, e daí? O que aconteceu?

Foi a vez de Billy parecer constrangido.

— Na verdade, foi só isso.

Sherlock trocou outro olhar com a Sra. Macklin.

— Desculpe, Billy, mas não entendo. Onde está o problema?

Os olhos de Billy ficaram subitamente marejados.

— O problema, senhor, é que o meu irmão, Jack, desapareceu há quase um ano.



[1] Leia Feriado de Meio-Período de Primavera - A Aventura das Fadas de Cottingley.

[2] Leia Feriado de Meio-Período de Verão - O Facínora da Drury Lane.